



Quando os índios assumem o poder: histórias vividas por André Guacurary y Artigas e “os seus”

Karina Moreira Ribeiro da Silva e Melo

RESUMO

Durante os primeiros anos do século XIX, projetos de defesa e expansão de fronteiras foram elaborados por agentes do governo e particulares nos limites entre o vice-reino do Brasil e as províncias platinas, tendo em vista a participação indígena junto aos serviços militares. Uma das principais questões em jogo era a reorganização política de espaços limítrofes, estreitamente vinculada à necessidade de definir aspectos sobre a liberdade dos indígenas e o destino das terras, dos bens e, sobretudo, da força de trabalho dos habitantes da região. Este ensaio biográfico sobre diferentes situações vividas pelo guarani e missionário André Guacurary y Artigas permite dar visibilidade às variadas práticas de sociabilidade experimentadas pelos indígenas. Suas ações provocaram deslocamentos espaciais distintos, puseram em contato vários sujeitos e instâncias de poder, possibilitando relações que constantemente os realocaram na hierarquia social durante o processo inicial de formação de Estados nacionais.

PALAVRAS-CHAVE

André Guacurary y Artigas
Biografia
Participação política
Estados nacionais

ABSTRACT

During the early years of the nineteenth century, border defense and expansion projects were elaborated by government agents and individuals within the boundaries between the viceroyalty of Brazil and the Platinum Provinces, with a view to indigenous participation in the military services. One of the main issues at stake was the political reorganization of neighboring spaces, closely linked to need to define aspects of indigenous freedom and the fate of land, goods, and above all the labor of the region's inhabitants. This biographical essay on distinct situations experienced by Guarani and missionary André Guacurary y Artigas gives visibility to the varied sociability practices experienced by the indigenous people. Their actions provoked distinct dislocations, brought into contact several subjects and instances of power, enabling relationships that constantly relocated them in the social hierarchy during the initial process of formation of national States.

KEY WORDS

*André Guacurary y Artigas
Biography
Political participation
National States*



← Corrales, Eliseo.
Óleo sobre tela, 1905, 100 x 100 cm.
Museu Pablo Argilaga, Santo Tomé, Argentina.

OS LUGARES DOS ÍNDIOS NA HISTÓRIA

Durante algum tempo, indígenas ocuparam lugares marginais na história. Tratou-se um pouco menos das dificuldades e dos interesses em conhecer e compreender seus protagonismos do que dos propósitos das sucessivas operações historiográficas que os invisibilizaram. Na década de 1950, o historiador Othelo Rosa afirmou não reconhecer no rio-grandense antigo qualquer traço físico ou cultural que pudesse revelar mestiçagem indígena. Em sua opinião, o uso dos cabelos comprimidos e do chiripá – uma peça de vestuário trespassada às coxas, atada à cintura e utilizada pelos homens do campo (algo semelhante à bombacha) – não corresponde ao “velho gaúcho” (ROSA, O. citado em DAMASCENO, A. et al, 1957, p. 26). A colocação é marcada por uma espécie de ufanismo sul-rio-grandense que nega a influência dos índios na história regional e afirma a grande diferença que julga existir entre o gaúcho platino e o gaúcho rio-grandense. Todavia, não deixa de ser instigante a tentativa de interligar exemplos, análises e discussões que serão suscitadas ao longo deste artigo, levando em conta as considerações do historiador. Afinal, se, por um lado, as defasagens metodológicas e interpretativas presentes nas afirmações de Othelo Rosa são hoje facilmente detectáveis e passíveis de duros questionamentos, por outro lado, mais interessante do que perceber as incoerências e

os ingredientes que tornam aquele discurso um dos tantos de seu tempo, é atentar para o fato de que ele ainda carrega em suas entrelinhas problemas e desafios com os quais historiadores lidam já há alguns anos, entre eles, a (in)compreensão de que a atuação e a presença marcante dos indígenas junto aos conflitos políticos e territoriais ultrapassa o âmbito das fronteiras nacionais e regionais.

Pode ser que ainda predomine uma visão de que a presença e as relações estabelecidas pelos indígenas foram mais intensas durante o início dos processos de colonização do que durante os processos de formação dos Estados nacionais na América. A história vivida por André Guacurary e “os seus” é tão significativa quanto emblemática nesse sentido, pois demonstra que a constituição dos Estados no sul da América meridional, os processos de emancipação política e a construção de fronteiras estão profundamente conectados às experiências indígenas. O objetivo central deste artigo é demonstrar diversas maneiras através das quais os indígenas participaram ativamente dos contextos de independência no início do século XIX, bem como a importância dessas participações.¹

¹ Agradeço aos pareceristas anônimos pelas suas sugestões e críticas acertadas que ajudaram a tornar este ensaio melhor.

ANDRESITO E OS LUGARES DOS ÍNDIOS NA HISTÓRIA

Este ensaio biográfico enfocará o período mais conhecido da vida de André Guacurary y Artigas – Andresito, como era conhecido – entre os anos de 1818 e 1821, quando ele teria por volta de 30 anos de idade. Guarani e missioneiro, André nasceu em São Borja ou Santo Tomé, às margens do rio Uruguai, nas fronteiras meridionais entre os impérios ibéricos no último quartel do século XVIII. Provavelmente foi educado por missionários, sabia ler e escrever em guarani e espanhol. Vivenciou, na prática, os efeitos das mudanças políticas que acabaram por emancipar o vice-reino do Prata da Coroa da Espanha.

Na conturbada década de 1810, André desempenhou um papel de relevo nos conflitos posteriores à revolução de maio daquele ano, evento que inaugurou um longo e agitado processo no vice-reino do Prata em busca de autonomia política em relação à metrópole espanhola. Sabe-se que participou como líder político e militar de pelo menos quatro campanhas importantes. A primeira, contra o Paraguai em 1815, quando assumiu o cargo de governador e comandante geral de Misiones, um feito político inédito por aquelas bandas. Misiones era uma das províncias platinas mais disputadas entre portugueses, espanhóis, portenhos e habitantes locais; uma grande porção de terra cujo histórico de ocupação é capaz de contar muito sobre a experiência de André e seus antepassados.² A segunda campanha foi em 1816, contra os portugueses que buscavam ocupar as missões à ocidente do rio Uruguai. Na terceira campanha, André e seu exército de índios, como se disse à época, invadiu a capital da província de Corrientes em 1818, tendo como um dos objetivos imediatos restituir o cargo de governador a Mendes, que havia sido deposto por forças bonaerenses. Na quarta, em 1819, novamente enfrentou forças portuguesas durante as reiteradas incursões aos povos orientais. Nesta derradeira campanha, foi capturado e levado preso ao Rio de Janeiro, onde possivelmente faleceu, entre 1821 e 1822, quando o Império do Brasil declarou, neste último ano, sua independência de Portugal.

2 O território de Misiones contava com mais de 30 povos missioneiros. Sete deles situados à margem oriental do rio Uruguai e o restante, à margem ocidental. Após a conquista de 1801, os sete povos da margem oriental passaram a integrar os domínios portugueses na capitania do Rio Grande de São Pedro.

DESPREZO E TERROR, IRA E (IN)TOLERÂNCIA: CRENÇAS SOBRE VINGANÇA E JUSTIÇA NA INVASÃO DE CORRIENTES PELO EXÉRCITO DE ANDRÉ

Era o começo de uma tarde de sexta-feira quando moradores da capital da Província homônima de Corrientes presenciaram um acontecimento histórico que despertou os mais variados e controversos sentimentos. No dia 21 de agosto de 1818, as tropas indígenas de André Guacurary y Artigas entraram na cidade “como em triunfo, entre música, salvas e repiques gerais”. Foram recebidos na igreja matriz pelo clero e por toda a comunidade religiosa, autoridades políticas e outras figuras ilustres do vecindario, “com toda a etiqueta do cerimonial”, de acordo com uma testemunha ocular dos fatos, o espanhol Fermín Félix Pampín, que chegou ao vice-reino do Prata como funcionário da Coroa espanhola. Foi administrador da Real Renda de Correios, na localidade de Santa Luzia dos Atos, e destacado comerciante na cidade de Corrientes (PAMPÍN, F. F. citado em MANTILLA, D., 2004, p. 88).³

Desde maio de 1818, Corrientes vivia dias de esperança para alguns, incertezas e temores para outros, como deixam claro “as infelizes memórias” escritas pelo comerciante espanhol, e os “Extractos de mis recuerdos sobre Corrientes” (POSTLETHWAITE citado em ROBERTSON, J. P. e G. P., 1950, p. 105),⁴ elaborado pelas filhas de um comerciante inglês, as irmãs Postlethwaite. O governo de Corrientes fazia parte do sistema da Liga dos Povos Livres, através do apoio prestado pelo governador da Província, Juan Bautista Méndez, a José Artigas. A chamada Liga dos Povos Livres pode ser entendida como uma espécie de acordo entre as províncias orientais, no qual José Gervásio Artigas, padrinho de André, foi reconhecido como Protetor de Entre-Rios, Corrientes, Santa Fé, Córdoba e parte de Misiones. As

3 “Memorias sobre la degradante humillación que Corrientes y su Provincia sufrió del ejército de Guaranis y Tapes, al mando de su general Dn. Andrés Artigas, con una idea de las principales causantes de tantos como irreconciliables males que sufrió desde aquella desgraciada época, hasta el memorable día 12 de octubre del año 1821, por un vecino y decidido, por la felicidad de la Provincia correntina”.

4 Os Extractos foram elaborados pelas duas irmãs e escritos pela mais nova delas. As traduções do espanhol para o português, tanto das Memórias de Fermín Félix Pampín quanto dos Extractos das irmãs Postlethwaite, foram feitas por mim, são livres e de minha inteira responsabilidade.

relações entre as participações indígenas nas frentes de guerra, como estrategistas de operações militares e como soldados, suas ações políticas nos campos orientais e a consolidação da Liga dos Povos Livres, bem como o auge da preponderância deste sistema em 1815, não são mera coincidência. André, desde os combates travados com exércitos do governo paraguaio e português, solicitava continuamente reforços de Corrientes. Naqueles dias, Méndez atendeu a um desses pedidos enviando José Francisco Vedoya e suas milícias com ordem de se unirem às de André. Mas Vedoya, influenciado por enviados do governo de Buenos Aires que buscavam cooptar o apoio dos correntinos e “zeloso de uma honra que não o acompanhava, atribuiu a quem de sua pessoa sujeitar-se às ordens de um chefe índio, e sem manifestar o agravo ao seu governador, se evadiu das ordens” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 51).

Como não é difícil de imaginar, esses acontecimentos provocaram dissidências entre autoridades locais e, mais uma vez, dividiram opiniões entre a anuência e o rechaço à causa artiguista. Depois de alguns conchavos e debandadas, Méndez foi destituído do cargo de governador por José Francisco Vedoya e seus apoiadores, entre eles, Elías Galván, que fora governador de Entre-Rios. No dia 25 de maio de 1818, Vedoya reuniu o cabildo de Corrientes e tomou o poder. Após reordenar as ações das milícias no campo, nas proximidades de onde se achava André, regressou e efetuou sua entrada na cidade com desfiles de piquetes, peças de artilharia, equipamentos e munições, além de uma tropa de cerca de 500 pessoas. Escolheu Méndez à sua residência.

Mesmo animados com as notícias que corriam sobre o enfraquecimento dos recursos de José Artigas, o cabildo da cidade e o novo governador, apoiados por Buenos Aires, não deixaram de temer que seus contrários buscassem o apoio de André. Justo o que sucedeu. Sob o “falso suposto de fidelidade às bandeiras Orientais” ou “envelhecidos ressentimentos contra a família do novo coronel” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 63), comandantes militares de localidades próximas, como Curuzú-Cuatí e San Roque, Yaguareté e Goya, reuniram as gentes dos seus partidos a fim de repor Méndez no cargo. A eles se uniu um inglês curtidor de couro de nome Pedro Campbell, que também daria o que falar.

Um dos membros da família arqui-inimiga dos Vedoya, Miguel Escobar, “fazia publicar que esperava em seu auxílio o comandante André Artigas, com seus guaranis pelo lado das Misiones” (PAMPÍN citado em

MANTILLA, 2004, p. 65). Vedoya dizia acreditar que “o chefe das Misiones, com seus índios, haviam sido completamente derrotados pelos portugueses”. Apesar disso, de acordo com o detalhado relato de Pampín, “esta notícia cobriu de pânico e terror o chefe Vedoya e seu conselho”. Não demorou muito para que Vedoya agisse como era de costume na região: buscou apoio militar na campanha através do recrutamento das gentes dos arredores, afinal, “não duvidava do auxílio dos guaranis, ainda que supusesse olhá-los com desprezo” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 65).

Enquanto buscava aliados, soube que os indígenas do Povo de Garças reuniam cavalos para auxiliar as tropas de San Roque, que atuavam a favor de André Artigas e Miguel Escobar. Ordenou, então, um massacre no lugarejo dos índios, seguido da previsível tomada de seus animais e bens. Segundo Pampín, de cerca de 60 pessoas – trinta famílias, conforme o relato das Postlethwaite –, apenas três crianças pequenas sobreviveram ao ataque. Elas foram levadas como “troféus” de guerra. Quando “tomados os cavalos que tinham os índios e roubados até os mais miseráveis dos móveis, regressaram os vencedores de Garças ao seu quartel general de Saladas, levando como em triunfo, os três miseráveis neófitos que havia perdoado a ferocidade de seus calibres”. Nas palavras encabuladas de Pampín, as tropas de Vedoya não respeitaram anciãos, crianças de colo, nem “o débil sexo” que haviam se refugiado na igreja: “tudo registram para encontrar um índio mais para assassinar, cristaleiras de santo óleo, causas consagradas, efigies de santos [...]” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 68).

“A imaginação da pintura dessa carnificina, que nunca se apresentará à memória”, dizia Pampín, não podia ser evocada sem abalar os pressupostos daquilo que tornava indígenas e não indígenas humanos. No relato das irmãs Postlethwaite, entre os sobreviventes estava também uma mulher indígena. Depois de presenciar os filhos e o marido serem assassinados, conseguiu fugir; “foi trazida a Corrientes com uma ou duas feridas de bala e várias feridas de sabre” (POSTLETHWAITE citado em ROBERTSON, 1950, p. 106). Foi então que o comerciante inglês, pai das Postlethwaite, escreveu uma carta a André, na qual lhe perguntava se sua família e seus bens estariam seguros em Corrientes, depois que “Vedoya havia feito assassinar cruelmente todos os habitantes de uma aldeia indígena, poucas semanas antes, porque se negaram a tomar as armas contra Artigas” (POSTLETHWAITE citado em ROBERTSON, 1950, p.

106). André respondeu sem demora, de maneira muito cortês, segundo as jovens inglesas. Assegurou que não havia motivo para alarme e para sair da cidade e pediu que, dentro em breve, pudesse cumprimentar toda a família Postlethwaite. Anunciava, assim, numa correspondência particular, a procedência dos rumores sobre sua chegada a Corrientes.

Depois do massacre em Garças, Vedoya teve notícias de que André, de fato, se aproximava da capital. Mandou-lhe ofícios questionando a vinda de suas tropas sem dar aviso ao governo de Corrientes. Evadindo-se de enviar uma informação exata, o comandante indígena respondeu de maneira “mais ativa” do que se esperava, no entender de Pampín, adiantando que daria o aviso em melhor ocasião para satisfazer ao “nobre vecindario” correntino. Vedoya, então, deu “ordem de atacar até derrotar [...] e precipitar os índios no Uruguai” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 69), ações que foram postas em prática. Porém, esses ataques arquitetados sem estratégia, unidos aos sentimentos de desprezo pelos índios, ponderou o comerciante espanhol, fizeram com que, “para a surpresa de todos, [...] às duas da tarde do dia 2 de agosto, vissem chegar à praça principal o eleito governador, com uma curta escolta, derrotado, fugitivo e completamente assustado pelos mesmos índios depreciáveis que, poucos dias antes, assegurara, ia concluí-los e acabá-los” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 77).

Dali em diante, a cidade de Corrientes e seus habitantes viveram dias ainda mais agitados. Vedoya havia sido derrotado por um exército missionário logo depois de promover uma matança num povoado indígena. Para os correntinos, os acontecimentos pareciam indicar um presságio do que estava por vir. Consternados, em certa medida, com o que ocorrera em Garças, colocavam-se no lugar dos massacrados e, desde sua posição de desvantagem, imaginavam que haveria vingança por parte dos indígenas. Corria rumores sobre a marcha do exército vencedor em direção a Corrientes e que, pelo caminho, os indígenas matavam e degolavam homens, mulheres e crianças sem clemência, tal como fizera Vedoya em Garças. Nesse primeiro momento, foram atormentados pela possibilidade da “invasão” da cidade pelos indígenas, através de notícias que chegavam a cada dia que se passava e “envolvidas nas cores mais tristes” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 74).

Famílias arrumavam suas bagagens e preparavam-se para a fuga, figuras ilustres escondiam bens e enterravam dinheiro num corre-corre que parecia não ter fim.

Conforme a descrição de Pampín, um “conjunto dos mal-estares e desgraças que cada qual fabricava em sua imaginação e que já pareciam estar sofrendo fisicamente tinha todos os habitantes da cidade em tal conflito e terror, que não é possível descrever, nem a pluma indicar” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 83). O próprio Vedoya, “mais embusteiro que um epitáfio”, ressentia-se Pampín, organizava a fuga de sua família a bordo de um navio. Os soldados responsáveis pela guarda da cidade se embriagavam e davam vazão aos seus temores em brigas, tiros e disparos de canhão, o que piorava o estado de ânimo dos moradores que pensavam, a todo momento, que os índios haviam chegado. Enquanto isso, cabildantes, deputados e outros políticos tentavam achar uma solução para o grave problema da acefalia no governo, já que Vedoya preparava-se para a fuga. Reunidos na sala do congresso, ficaram completamente transtornados ao saber que os indígenas adentravam “os subúrbios da cidade”. Embora este fosse mais um falso alarme, “já lhes parecia que os índios entravam a degolá-los na sala. Tudo eram lamentos e confusões e, querendo todos sair, todos se atropelavam, [...] não se dava lugar para descer as escadas, e houve alguns tão afobados que faltou pouco para se atirarem pelas varandas” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 83). A noite foi de terrível espanto e terror, assegurou Pampín. Não obstante, no dia seguinte, os deputados enviaram uma comissão para tratar com André. O objetivo era fazer

[...] ver o vencedor, os autores e os não culpados na última revolução, suplicando-lhe não quisesse descarregar sua ira contra os inocentes, já que os primeiros haviam fugido da Província. Estas súplicas não mereceram do chefe índio outra contestação que a de que “JÁ É TARDE A DEPUTAÇÃO DO GOVERNO DE CORRIENTES” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 85, grifo no original).

A resposta de André, descrita em letras garrafais por Pampín, “afligiui mais e mais os habitantes da cidade, tanto que acreditaram se achar nos últimos períodos de sua vida, pois [...] diziam alguns que os índios vinham a passar em degola todos os seus habitantes”. No entanto, deixando de lado os dizeres sobre o “que cada qual fabricava em sua imaginação”, uma das primeiras medidas concretas que André tomou foi ordenar o recolhimento de todas as armas através de um bando público que a cidade de Corrientes fez circular pela província

homônima.⁵ Poucos dias depois, enviou à cidade seu encarregado da Marinha, o inglês curtidor de couro Pedro Campbell, a fim de providenciar os preparativos para sua chegada. Campbell era uma figura que chamava a atenção, tanto pelo alcance de sua rede de relações quanto pela sua origem (MACHÓN; CANTERO, 2006, p. 153)⁶ e o modo como se portava. Comerciante de couros, ele teria oferecido seus serviços a André logo depois da derrota de Vedoya. O homem alto, “ossudo”, de cabelo e barba louros, pele do rosto descascada pela exposição ao sol, “aderido pelo suor e coberto de pó”, andava “vestido de gaúcho” e armado dos pés à cintura. Trazia faca nas botas de potro, um sabre na bainha de metal e pistolas no cinturão de couro. O poncho esfarrapado e um chapéu “dos que usam os salteadores”, como nos deixa saber a rica descrição de Pampín, o fez concluir que o inglês e Eduardo, o cavaleiro oriundo de Tipperary que sempre o acompanhava, não passavam de “dois dos ferozes bandidos de Artigas” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 85-86. Ver nota 31).

Campbell chegou a Corrientes em companhia de cerca de 100 indígenas. Deu a volta na praça e instalou a tropa na casa de uma das ricas famílias que, como a de Vedoya, havia deixado a cidade. O inglês gaúcho mandou informar ao Sr. Postlethwaite que André veria com agrado a presença daquela família no cerimonial de entrada dos indígenas na cidade (POSTLETHWAITE citado em ROBERTSON, 1950, p. 107). As notícias sobre a chegada do exército missionário à capital já não eram mais infundadas. Foram meticulosamente divulgadas por Campbell e pelos indígenas, apesar de que os correntinos, “com os mesmos anúncios, se faziam beber o cálice de sua ruína, desejavam com ânsia que saíssem de uma vez da lamentável consternação em que jaziam” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 87). Cinco dias depois, viram com seus próprios olhos “o índio comandante general das Misiones, Dom André Artigas” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 87). Na tarde de 21 de agosto de 1818, o líder indígena chegou a Corrientes acompanhado de um piquete e de um esquadrão de cavalaria, um batalhão de infantaria e cerca de 200 meninos indígenas que, armados como os demais soldados,

fechavam a retaguarda das tropas (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 88; POSTLETHWAITE citado em ROBERTSON, 1950, p. 108). Também trouxe consigo dois canhões dos que Vedoya havia perdido em combate. À distância de uma légua da cidade, André marchou a pé e desarmado.

Entrou na cidade ao som de hinos religiosos, descansou numa capela e ouviu missa na igreja matriz. Além do clero, foi recebido e acompanhado por Méndez, o governador deposto, e seus subordinados. Deu a volta na praça principal, como de costume, e alojou-se e os seus soldados na casa abandonada de Vedoya. Em seguida, foi à casa dos Postlethwaite. As irmãs asseguraram que foram tratadas “com todo o respeito e atenção não somente por Andresito, mas por todos os oficiais e homens que o acompanhavam” (POSTLETHWAITE citado em ROBERTSON, 1950, p. 108). Segundo elas, “a entrada do exército indígena se deu com calma e boa ordem”. Contudo, por várias razões, a estadia de André e seu exército na cidade não continuou como lhes pareceu. Despertou, para além da imaginação, sentimentos de desprezo, terror, ira e pavor, além de atitudes que aludiam à vingança e à justiça.

“POR SER YO QUIEN SOY”: AUTORIDADE, DRAMA, BAILES E BEBEDEIRAS

Depois da entrada do exército indígena em Corrientes, alguns habitantes da cidade começaram a experimentar os desdobramentos do que, até então, só existia em sua imaginação. Logo após à chegada triunfante, André e alguns dos seus seguidores conduziram presos os cabildantes de Corrientes que haviam prestado apoio a Vedoya. Levaram os políticos, entre eles clérigos, para o porto da cidade, a bordo de um navio, como uma espécie de troféus de guerra. Inevitavelmente, os aliados do fugitivo Vedoya pensaram que seriam fuzilados. Porém, à medida que o navio se afastava do porto, o comandante indígena também se desesperava. André, que tinha “muito transtornada a cabeça, ocasionada, sem dúvida, pela caminhada, comida fora da hora [...], muito excesso e entrevero de bebida e parte do balanço” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 89), começou a gritar e a dizer que queriam traí-lo, entregando-o aos seus inimigos paraguaios.

5 Bandos públicos eram informações dadas pelo governo à população sobre disposições, avisos e decretos através de anúncio público.

6 De acordo com os historiadores Jorge Francisco Machón e Oscar Daniel Cantero, Pedro Campbell era irlandês. No relato dos Postlethwaite e de Pampín, sua origem é referida como inglesa.

De fato, banquetes não costumavam ser parte cotidiana da vida dos indígenas, mas se davam em situações específicas, ao sabor das conjunturas ou em rituais de bebedeira e comilança. O próprio André, segundo Pampín, declarou que não dava um centavo por um homem que não pudesse jejuar três ou quatro dias “sem inconvenientes” (POSTLETHWAITE citado em ROBERTSON, 1950, p. 113). Cansado e sob os efeitos da comida e da bebida, depois da entrada cerimonial na cidade, distribuiu socos e golpes de sabre no navio, até que, contido, desmaiou. Os indígenas o carregaram nos ombros e temeram que seu comandante tivesse sido envenenado; segundo Pampín, prometeram que, se ele morresse, degolariam todos os moradores. André foi levado de volta à praça central em clima fúnebre. Alguns o tinham por morto. Quando finalmente “despertou do seu letargo, o embriagado guarani, sentado em sua cama sepulcral e posto em pé, saudou o seu irmão Lourenço com umas quantas cintadas” (POSTLETHWAITE citado em ROBERTSON, 1950, p. 113). Depois, seguiu para sua nova morada e quartel militar, a casa de Vedoya.

É relevante destacar que renovadas abordagens sobre os regimes etílicos indígenas têm contribuído para romper com a ideia de que as bebidas alcoólicas sempre atuaram como uma espécie de trunfo exógeno para submeter populações nativas, vinculando os indígenas às imagens de degradação, corrupção e deterioração causadas pelo consumo do álcool durante os contatos. O historiador João Azevedo Fernandes demonstra, por exemplo, que a noção sobre o “vazio etílico” entre as sociedades indígenas é uma ficção que pode aparecer em diversos tipos de registros quinhentistas e seiscentistas, mas tanto europeus quanto nativos conheciam as bebidas e faziam usos muito distintos delas (FERNANDES, J. A., 2011, p. 205). Alguns grupos indígenas as utilizavam em rituais, cujo objetivo era obter a ebbriedade, ou seja, a embriaguez era um aspecto histórico e cultural que fazia parte dos ritos e das celebrações no cotidiano das sociedades nativas. A antropóloga Nancy Oestreich Lurie é ainda mais contundente e questiona a noção de que o álcool tenha alterado personalidades e provocado mudanças que atuaram em processos de “aculturação” dos indígenas. Ela desafia o senso comum que assume que o uso da bebida entre indígenas foi e é sinônimo de crise identitária, usada como estratégia por eles para ocupar status e posições desejadas, que ordinariamente não ocupam; ou simplesmente como uma válvula de escape que os transporta para um estado no qual encontram menos

dificuldade de compreender a “assimilação”. Ela sugere que tais impressões não passam de desconhecimento sobre o fato de que a ingestão de álcool foi interpretada de diferentes maneiras em diferentes culturas (LURIE, N. O., 1971, p. 312).

Nos dias que se seguiram, em meio às bebedeiras, as armas foram recolhidas e a população parecia tomar certo cuidado em relação ao modo de tratar os indígenas. Todavia, “os correntinos, e particularmente as mulheres, não podiam vencer o habitual menosprezo com que olhavam os índios, e nada faziam para congraçar com Andresito, apesar de que se achavam todos à sua mercê” (POSTLETHWAITE citado em ROBERTSON, 1950, p. 110). É bastante provável que boa parte dos moradores estivesse confusa, como Pampín, indignado ao confrontar-se com o fato de que André “se supunha com o bárbaro direito de poder arbitrar sobre as fortunas e vidas dos habitantes” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 90). Mesmo assim, os ânimos se acalmaram quando, através de um ofício, André mandou reabrir o comércio e garantiu certa segurança para a cidade.

Não obstante, o comandante indígena continuava a praticar sua autoridade de maneira implacável. Exigia ser respeitado pelo cargo que ocupava e pelo poder que exercia. Parece ter havido pouca tolerância com posturas de desacato à sua posição política e militar. Em situações de conflito profundo relacionadas ao fato de ser indígena e ocupar uma posição política de grande destaque, André parece ter utilizado elaboradas estratégias para garantir o respeito às suas ordens, à sua figura pública e à história que partilhava com a sua gente. Em abril de 1816, mais de dois anos antes de sua entrada em Corrientes, manifestou desagrado e posicionou-se diante de uma situação de insubordinação de um comandante da localidade de Mandisoví. Escreveu, em correspondência a José Artigas, sobre a falta de resposta aos seus despachos:

[...] tem sido para mim muito sensível que o dito comandante me trate com menosprezo; não por ser eu quem sou, senão pelo cargo que ocupo, e que se eu lhe passei ofício, é porque lhe contemplo subalterno meu e, portanto, deve estar sempre sujeito às minhas ordens, posto que V. S. estendeu minha faculdade até esta praça, e os naturais querem obedecer a esta comandância (CABRAL, 2012, p. 223-224).

Vale observar que André não parecia concordar com o fato de ser indígena fosse motivo para ser tratado com

menosprezo por alguém que ocupava uma posição política hierarquicamente inferior. Do mesmo modo, é interessante indicar que alguns indígenas pareciam estar mais atentos aos lugares políticos que de fato ocupavam do que àqueles que utilizavam parâmetros ditos culturais para estabelecer rígidas diferenciações sociais. Entre os meios utilizados por André para lidar com situações que se repetiam, chama a atenção o uso constante da violência física e psicológica na vivência de dramas que provocaram medo, raiva, riso e empatia.

Miguel Escobar e outros que buscaram o apoio de André quando Vedoya tomou o poder voltaram à cidade e enviaram ao cabildo, do qual faziam parte, uma comunicação que solicitava recursos para pagar e recompor suas tropas. O cabildo acatou o pedido. André vetou-o e argumentou que lhe parecia “injusto e escandaloso”. Protestou que, apesar da nudez das tropas indígenas, “nunca havia caído em arbítrios tão violentos e sim havia se contentado com esmolas, expressão oficial, ou donativos voluntários” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 92). Exasperado, o comandante mandou novamente prender cabildantes que haviam sido partidários de Vedoya e outros que, como Ledesma e Olviedo, foram acusados de “assassinos de muitos guaranis e tapes e de uma revolução que premeditaram” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 93). Os presos foram tratados de maneira muito peculiar.

André visitou-os à meia-noite. Ordenou que se dirigissem à praça principal, que havia sido cuidadosamente isolada, proibindo o trânsito de pessoas durante aquele “preparativo de terror” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 93). No trajeto entre a prisão e a praça, os detidos foram acorrentados a grillhões e fizeram o percurso descalços. Sofreram, segundo Pampín, “toda classe de ultrajes e insultos”, tendo os moradores como testemunhas. Caminharam escoltados por ruas irregulares, “cobertas de pedras, ossos e espinhos, sem que os guaranis se descuidassem de despojá-los durante sua marcha” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 93). Foram, em seguida, conduzidos a uma embarcação, aos cuidados de Campbell. André também intimou todos os demais foragidos da cidade para que comparecessem à sua presença no decorrer de 15 dias, especialmente os deputados que compunham o congresso de Corrientes. Pôs empenho em perseguir alguns políticos “fugidos”, como Vedoya, tarefa que também ficou a cargo de Campbell.

Os moradores estavam aturdidos e chorosos, especialmente as famílias dos presos, narrou Pampín.

Andavam pelas ruas, batendo de porta em porta em busca de notícias sobre seus parentes. A cena dramática foi elevada “a um heroico grau” quando seis banquinhos foram colocados nos arredores da igreja. Acreditava-se que os presos cabildantes seriam decapitados. A impressão de Pampín era a de que André estudara “malignamente” os efeitos da encenação e, ao provocar “um acesso de irritação, pondo os presos à beira do suplício”, fazia com que as famílias respeitassem sua autoridade e clamassem por sua compaixão. Assim, a praça era constantemente reorganizada, “mas os malditos banquinhos não foram retirados” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 95). O preço da liberdade dos presos foi estipulado por André e Campbell em 10.000 pesos a serem pagos pelas famílias dentro de três dias. Ou pagavam a quantia e ficavam à espera do julgamento final de José Artigas, o Protetor do sistema da Liga dos Povos Livres, ou seriam confinados num povoado do Chaco,⁷ chamado São Jerônimo.

A impossibilidade de conseguir a quantia fez com que as famílias apelassem ao comandante indígena com “prantos, súplicas e gemidos”, oferecendo suas casas, móveis e joias. Não obtiveram a clemência de André, nem trégua do assédio de Campbell para que cumprissem o estipulado, até que um padre e outros religiosos “felicitararam sua Senhoria Guarani [...] em idioma missionário” e suplicaram a soltura de cinco sacerdotes que estavam entre os presos. Os demais permaneceram a bordo do navio, ao que parece, prontos para zarpar rumo ao Chaco. Algumas famílias finalmente entregaram parte ou o total do dinheiro que diziam ter, mas não atingiram o teto de 10.000 pesos. Para inteirar a quantia, André permitiu que saíssem pelas ruas a pedir esmola, sob a vigilância de Campbell: “Efetivamente, este brilhante plano se pôs em execução no dia 15 [de setembro] e seguiu até o dia 18, sem deixar confraria nem convento, nem cela, nem rancho pobre nem rico, grande nem pequeno, a quem não se pedisse esmola por redenção” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 98).

Conhecidas figuras políticas, oriundas de famílias abastadas, pedindo esmolas aos ricos e pobres indistintamente, a despeito de sua posição social e hierárquica, formavam, sem sombra de dúvida, uma cena tão inusitada quanto os modos que André escolhera para desempenhar sua posição de mando. Os tempos revolucionários

⁷ A grande região do Chaco abrange países como Paraguai, Bolívia, Argentina e Brasil. Uma das cidades importantes desta região é Resistência, que se encontra próxima a Corrientes, na outra margem do Rio Paraná.

e a conjuntura em que se deu a “invasão” de Corrientes contribuíram para que ele atuasse daquela maneira. Através da autoridade que lhe conferiram seu cargo político – governador de Misiones pelo sistema da Liga dos Povos Livres – e suas conquistas militares, agiu exercendo poder e uma espécie de “liberdade” que também foi entendida como vingança. Ações como estas davam a ver, aos olhos de alguns, que André ia “saciando nos presos seus vingativos rancores, colocava sua glória em insultar, castigando com suas mãos infames uns homens indefesos, [...] se apropriava de um poder ilimitado e uma liberdade sem freio” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 99). Aos olhos de outros, no entanto, “Andresito havia suportado até então muitas demonstrações públicas de menosprezo por parte da cidade, dando mais provas de indulgência do que se podia esperar [...]” (POSTLETHWAITE citado em ROBERTSON, 1950, p. III). Todavia – e a despeito do empenho de Pampín em acusar André de despotismo e da expressiva intenção das Postlethwaite em defendê-lo – as iniciativas indígenas não pareciam se reduzir exclusivamente a sentimentos de vingança ou como simples válvulas de escape para uma ira entendida como típica de setores sociais acostumados a vivenciar injustiças; tampouco tais atitudes pareciam ter o único objetivo de provocar compaixão e gerar sentimentos de arrependimento e tolerância entre os correntinos.

Em sucessivas tentativas para estabelecer relações sociais pautadas tanto pelas diferenças hierárquicas quanto pelas semelhanças culturais entre indígenas e correntinos, André promoveu festas nas quais atores indígenas encenavam peças teatrais baseadas em passagens bíblicas. Uma dessas “representações de caráter religioso ou dramas”, também chamadas de mistérios, como explicam as Postlethwaite, era a tentação de Santo Inácio. As experiências junto aos missionários que os indígenas Guarani da região viveram desde o século XVI, a partir do contato com os jesuítas, faziam deles conhecedores e praticantes da doutrina cristã. O drama ou a encenação da tentação de Santo Inácio, no entanto, revela aspectos complexos sobre a herança imaterial dos índios e auxilia na interpretação dos significados de suas ações. Nesse sentido, mais do que perpetuar uma prática que adveio da experiência junto aos missionários, as encenações parecem servir a outro propósito naqueles tempos de revolução: “doutrinar”, à maneira indígena, os moradores correntinos. Afinal, por que a escolha do drama de Santo Inácio?

Inácio de Loyola foi um dos fundadores, senão o principal deles, da Companhia de Jesus em princípios do século XVI. Foi canonizado em 1622, menos de um século depois de ter dado início à ordem religiosa que, ao longo dos tempos, adquiriu inúmeros adeptos e importantes apoiadores, além de ter atuado enormemente na reforma da Igreja Católica. Através das missões de evangelização e catequização junto aos indígenas no Novo Mundo, contribuiu em larga escala para a acumulação de capitais das Coroas espanhola e portuguesa. Antes de se dedicar aos estudos e à pregação da doutrina cristã, Inácio de Loyola participou de campanhas militares, foi preso, viveu de esmolas e fez rigorosas penitências. Através de situações de privação, sentiu-se “purificado” e experimentou o que pode ser entendido, de acordo com sua autobiografia (2005), como revelações e tentações, a partir das quais escreveu os famosos Exercícios Espirituais de Santo Inácio (1999). Em suas “visões”, a Virgem Maria teve destaque em cenas militares e, através dos Exercícios, a ordem religiosa da Companhia de Jesus ganhou também novos seguidores, cavaleiros devotos e veneradores da santa. N. Senhora da Encarnação, um dos nomes da Virgem Maria, como nos lembram as Postlethwaite, era evocada durante o drama da tentação de Santo Inácio contracenado pelos soldados indígenas. Assim, os Exercícios Espirituais de um dos mais importantes fundadores da Companhia jesuítica adquiriram novos sentidos em meio aos dramas indígenas naqueles tempos de revolução, especialmente os seguintes, que levam ao seguimento de Jesus Cristo através do “chamamento do Rei temporal, [que] ajuda a contemplar a vida do Rei Eterno”:

Somente depois de unidos pelos trabalhos diurnos e pelas vigílias noturnas, os fiéis e os infiéis poderiam tomar parte na conquista do vencedor, “um rei humano, eleito pela mão de Deus nosso Senhor, a quem prestam reverência e obedecem todos os príncipes e todos os homens cristãos”, seguindo-o e com ele compartilhando situações de penúria e glória. Aquele que não tivesse tal juízo e não formasse tal razão mereceria “ser vituperado por todo o mundo e tido por perverso cavaleiro”. Durante a encenação, os atores dançavam e, assim, em meio à performance, demonstravam devoção à santa, compondo, através de letras, palavras como Encarnación. As Postlethwaite contaram que André pediu a elas que o ajudassem na confecção de figurinos para as peças teatrais ou “bailes de índios”, como os correntinos se referiam a eles (POSTLETHWAITE citado em

92

Primeiro [ponto]. Pôr diante de mim um rei humano, eleito pela mão de Deus nosso Senhor, a quem prestam reverência e obedecem todos os príncipes e todos os homens cristãos.

93

Segundo [ponto]. Reparar como este rei fala a todos os seus, dizendo: Minha vontade é conquistar toda a terra de infiéis; portanto, quem quiser vir comigo, há de contentar-se com comer como eu, e assim com beber e vestir etc.; do mesmo modo há de trabalhar comigo, durante o dia, e vigiar, durante a noite etc., para que, assim, depois, tenha parte comigo na vitória, como a teve nos trabalhos.

94

Terceiro [ponto]. Considerar o que devem responder os bons súbditos a rei tão liberal e tão humano; e, por conseguinte, se algum não aceitasse a petição de tal rei, quão digno seria de ser vituperado por todo o mundo e tido por perverso cavaleiro.

95

A Segunda Parte deste exercício consiste em aplicar o exemplo precedente do rei temporal a Cristo nosso Senhor, conforme os três pontos expostos. E quanto ao primeiro ponto, se consideramos tal apelo do rei temporal a seus súbditos, quanto é coisa mais digna de consideração ver Cristo nosso Senhor, rei eterno, e diante dele todo o mundo universal, ao qual e a cada homem, em particular, chama e diz: Minha vontade é conquistar todo o mundo e todos os inimigos, e assim entrar na glória de meu Pai; portanto, quem quiser vir comigo, há de trabalhar comigo, para que, seguindo-me na pena, me siga também na glória.

96

Segundo [ponto]. Considerar que todos os que tiverem juízo e razão oferecerão todas as suas pessoas ao trabalho (LOYOLA, 1999, p. 24, grifos meus).

ROBERTSON, 1950, p. III-II2). Elas fizeram “vestidos de fantasia, os mais vistosos que foi possível fazer, e uma vez terminados, vieram em casa os atores para estreá-los” (POSTLETHWAITE citado em ROBERTSON, 1950, p. II2). Os figurinos foram feitos para os soldados que representavam os anjos guardiões de Santo Inácio no drama. Elas fizeram “dois ou três” trajés, a princípio, e depois, mais dois; ao que tudo indica, o mesmo número de anjos que acompanhavam Santo Inácio na obra de arte de Peter Paul Rubens, criada no primeiro quartel do século XVII.

Quando vestiram os trajés, os soldados se mostraram extremamente contentes e admiraram a beleza das roupas fitando-se uns aos outros. As asas angelicais não combinavam muito bem com os capacetes que eles usavam, do ponto de vista das irmãs, mas não quise-ram se despir deles. E, assim, os atores seguiram participando de cenas dramáticas, desempenhando papéis importantes e caracterizados com aparatos e elementos misturados que, analisados com mais detalhe, podem revelar aspectos interessantes sobre a cultura política dos indígenas e sobre processos de reelaborações culturais vividos coletivamente. Trata-se, certamente, de uma caracterização rica e articulada, na qual

[...] a incoerência entre as normas, a ambiguidade das linguagens, a incompreensão entre grupos sociais ou simples indivíduos, a ampla inércia ditada pela preferência por um estado habitual ou pelos custos que derivam de escolhas feitas em condições de extrema incerteza não são obstáculos que nos impeçam de considerar esta sociedade como ativa e consciente em cada uma de suas partes, nem de vermos seu sistema social como o resultado da interação entre comportamentos e decisões assumidos no âmbito de uma racionalidade plena e limitada (LEVI, G., 2000, p. 46).

Contudo, considero que, mais interessante do que indicar situações mediadas por escolhas conscientes de uma sociedade cuja dinâmica se mostra extremamente ativa, é pontuar que todo aquele cenário preparado pelos indígenas contém “significado decididamente político” (GINZBURG, C., 1989, p. 93, 94, 102), afinal, ao que tudo indica, a escolha do tema da peça não foi aleatória. O drama de Santo Inácio aponta para o fato de que os indígenas queriam chamar a atenção para os dramas vividos por eles, à semelhança daqueles vividos e descritos nos Exercícios Espirituais por Santo Inácio. Também o fato

de serem soldados indígenas integrantes da tropa de uma reconhecida e temida autoridade política e militar viabilizou a preparação de bailes e peças teatrais de caráter religioso. Apesar disso, os esmeros em promover as festividades nem sempre receberam a atenção e a audiência esperadas. A encenação do drama de Santo Inácio, por exemplo, contou com o comparecimento de poucos expectadores. Se “os infieis” não podiam partilhar dos festejos que ocorriam para celebrar a glória da conquista de Corrientes pelo exército indígena, era porque não viveram as situações de penúria que os soldados haviam experimentado até aquele momento.

Se este foi o pensamento de André, não podemos afirmar. O fato é que, como boa parte dos correntinos não compareceu àquela teatralização, na manhã seguinte, ao som dos tambores do exército e sob a força das armas, “todas as pessoas respeitáveis [...] foram reunidas na praça e obrigadas a capinar até deixá-la limpa de um extremo a outro” (POSTLETHWAITE citado em ROBERTSON, 1950, p. III). Durante todo aquele dia quente do mês de outubro de 1818, os presos convocados trabalharam sob um sol escaldante, “sem permitir-lhes, tampouco, o mais leve alimento nem descanso” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 105). Para conseguir beber água, suplicaram aos soldados e lhes ofereceram gratificações. Mas, segundo Pampín, a ordem que receberam de André era de serem inflexíveis e empenhados em usar “todo o rigor da chibata e do sabre, particularmente nos mais decentes e bem vestidos” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 105). A situação remetia a um estado de humilhação excepcional, pois “não obstante a compaixão que provocavam os trabalhadores forçados, a ocorrência do índio inspirava riso também” (POSTLETHWAITE citado em ROBERTSON, 1950, p. III, grifo meu).

Quando o sol se pôs e o cenário foi visto como não havia estado até então, com a praça terraplanada, capinada e livre de “imundícies”, com várias carretas de pedras retiradas, André convocou outro baile. Os trabalhadores forçados foram dispensados de comparecer, não sem antes serem obrigados a dar vivas “à Pátria e ao índio” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 105). Afogado em aguardente, segundo Pampín, André aplicou outra “rasteira política” aos correntinos ilustres: “ordenou a seus índios e negros da escolta que saíssem e levassem mulheres brancas para que dançassem com eles e com os oficiais, com prevenção que estes estavam como seu chefe” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 97, 105)

sob o efeito do álcool. Os bailes se tornaram frequentes e, diante de uma liberdade tão desenfreada, como consta no testemunho do comerciante espanhol, as “mulheres honradas” não se sentiam seguras. Além disso, as irmãs inglesas afirmaram que esta “afronta” foi “muito mais imperdoável do que o labor manual imposto às pessoas do sexo masculino” (POSTLETHWAITE citado em ROBERTSON, 1950, p. III).

Ocorreu que os presos, após uma noite de descanso e vigília, foram intimados a continuar os trabalhos na praça durante o dia, enquanto suas esposas e filhas, contaram as Postlethwaite, eram obrigadas a dançar com os índios e os negros. Embora a maioria do exército de André fosse indígena, também era composto por um destacamento de granadeiros negros, entre os quais alguns foram libertados pelo comandante em seu caminho rumo a Corrientes e, depois, durante sua estadia na capital. De acordo com Pampín, alguns escravizados “se achavam na maior petulância, altivez e soberba” e delatavam seus senhores, “porque seus vícios se viam apadrinhados e protegidos pelo chefe guarani” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 108). É importante ressaltar que os indígenas e os escravizados nem sempre eram protegidos pelo comandante, que lhes impôs, em repetidas ocasiões, castigos físicos e outras punições severas. A disciplina militar fazia parte do aprendizado de André no exercício de seu cargo e era um dos meios pelos quais exercia sua autoridade. E parece ter sido assim que, durante o governo de André, Corrientes viveu momentos em que

[...] faziam-se eternas as noites, ainda que partiam as horas do sono e a vigília que o medo impunha [...]. No dia, não obstante que a luz alegrava, se desejava a ausência do sol, já para refugiar-se num convento, em busca de asilo, já para recolher-se, cada qual no último rincão e esconderijo de sua casa, para livrar-se da vista dos tigres que espreitavam até as palavras, passos e movimentos, e acreditando, talvez, que se teria um dia a menos de tão cansado gênero de vida (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 108).

As palavras de Pampín sugerem que, caso tenham feito parte do escopo cultural utilizado por André nos preparativos dos dramas e em suas inserções políticas, os Exercícios Espirituais de Santo Inácio surtiram algum efeito entre os correntinos abastados. Mas como partilhar dos significados que as trajetórias daqueles

soldados imprimiam à conquista de Corrientes sem experimentar ser indígena? As Postlethwaite, por exemplo, mesmo tomadas por sentimentos de empatia e prestando apoio à política do comandante, se divertiam “ao ouvir os indígenas se dirigirem sempre a nós chamando-nos paisanitas ou índias louras”, mas não pareciam discordar das observações que, segundo elas, os soldados fizeram, pontuando que Campbell também era indígena.

De todo modo, os Exercícios Espirituais não foram os únicos dramas sentidos na carne pelos correntinos. Quando André adentrou a cidade com seu numeroso e equipado exército, cerca de 200 meninos indígenas integravam as tropas, armados como os demais corpos de infantaria e cavalaria, com fuzis, lanças, arcos e flechas. Segundo as paisanitas inglesas, “estes indiozinhos haviam sido apesados por correntinos e tidos como escravos. André ia libertando-os onde os encontrava, apoderando-se ao mesmo tempo de um número igual de filhos daqueles homens a cujo serviço estiveram os índios” (POSTLETHWAITE citado em ROBERTSON, 1950, p. 108). Os pais dos meninos brancos, afirmaram, viviam em agonia e angústia sem saber a sorte que seus filhos podiam esperar. Ao aludir aos dias de trabalho e às noites de vigília intermináveis vividas pelos correntinos, Pampín também se referiu “aos pais e mães [que] esperavam por momentos em que fossem arrebatados de seus braços os ternos filhos de suas entranhas, com o bárbaro objetivo de criar um corpo de jovens que [...] seguissem as marchas dos tiranos” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 108).

Situações semelhantes à descrição do desespero de pais e mães correntinas certamente se repetiram muitas vezes com os pais indígenas dos quais filhos e filhas foram apartados para servir como recrutas ou serviçais, como vimos em diversas situações analisadas em estudos recentes (MELO, K., 2017). Portanto, não foi sem motivo concreto que, depois de manter os meninos brancos sob seu poder por cerca de uma semana, André solicitou o comparecimento de suas mães. De acordo com os Recuerdos das irmãs,

[...] repreendeu-as duramente a crueldade e injustiça de que se fizeram culpadas ante os pobres índios e apelou ao mesmo sentimento de angústia em que agora se encontravam como a melhor prova do cargo que lhes fazia. “Podem levar seus filhos agora – concluiu – mas lembrem-se adiante que as mães índias também têm coração”.

Apesar das atitudes perspicazes e das palavras comovidas do governador indígena, colocar-se na pele do outro era algo muito complicado, sobretudo quando os atos promovidos para aproximar pessoas com experiências distintas geravam tantos atritos e controvérsias e suscitavam tantas memórias sobre violência, injustiça e perdas inestimáveis. Entre agosto de 1818 e março de 1819, meses em que a presença de André e seu exército se fez sentir de maneira mais intensa em Corrientes, os espaços de negociação e de adaptações foram conturbados, como nos deixam ver os relatos de Pampín e das Postlethwaite. Méndez foi repostado no cargo de governador de Corrientes num “androssíssimo cerimonial”, no dia 22 de setembro de 1818, depois do qual o comandante indígena permaneceu na cidade por mais algum tempo, a fim de garantir segurança ao retorno do governador. “Sua Senhoria Guarani”, como a ele se referia Pampín, continuou a promover bailes e a participar de bebedeiras, durante as quais punha em prática sua autoridade, quase sempre de maneira violenta, tanto com seus afetos como com os desafetos.

Melchora Caburú, “uma china branca e loura de olhos azuis e de trato modesto e afável”, era tida como a preferida de André. Pelo visto, era uma das presenças mais aguardadas nos bailes, tanto por ele quanto pelas mulheres “honradas” e “boas correntinas” que faziam par com índios e negros nas danças, pois era ela quem aplacava “os excessos desenfreios do tal luxurioso e bárbaro índio” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 106-107). Pouco tempo depois, José Artigas solicitou que o comandante indígena retornasse a Misiones, já que novos confrontos com os portugueses eram esperados. Quando André deixou Corrientes, soldados vestidos com as roupas de anjos confeccionadas para a encenação do drama de Santo Inácio o escoltaram, até que, já distantes da cidade, tiraram os trajes. André retornou uma vez mais, quando soube que Melchora frequentara bailes na sua ausência. Segundo o comerciante espanhol, diante disso “Sua Senhoria guarani-tape abandonou Melchora com a mesma facilidade com que a havia abraçado para companheira [...]”, não sem antes castigá-la com “golpes de sabre e as mais grosseiras imputações” (PAMPÍN citado em MANTILLA, 2004, p. 120, 125).

Diversos episódios pareciam às vezes inverter e às vezes reificar a ordem política e os lugares sociais tipicamente ocupados por abastados e marginalizados. Para o antropólogo Guillermo Wilde, “a ordem artiguista não

fazia outra coisa que [...] de maneira irônica inverter ritualmente a hierarquia prévia” (WILDE, G., 2009, p. 343). Todavia – e a despeito do empenho de Pampín em acusar André de despotismo e da expressiva intenção das Postlethwaite em defendê-lo – as iniciativas indígenas não pareciam se reduzir exclusivamente aos sentimentos de vingança ou como simples válvulas de escape para uma ira entendida como típica de setores sociais acostumados a vivenciar injustiças; tampouco tais atitudes pareciam ter o único objetivo de provocar compaixão e gerar sentimentos de arrependimento e tolerância entre os correntinos. Os episódios traziam à tona um conjunto de experiências capazes de provocar algo mais complexo do que meras inversões de papéis sociais numa trama aparentemente carnavalesca. Afinal, a ordem política e hierárquica parecia invertida aos olhos de quem?

Desta forma, os espaços intermediários de negociação minguavam quando parte dos atores envolvidos lutava para consolidar seus novos papéis na cena política, enquanto a outra parte buscava permanecer em seus antigos e privilegiados lugares sociais. Naquele cenário, a inversão tão pungente, não da habitual ordem hierárquica, mas dos significados de ser índio e das maneiras de exercer o poder, foi praticada a ponto de balançar concepções sobre referências sociais e culturais e acirrar as disputas por posições políticas. As revoluções platinas não tiveram como resultado apenas os conflitos que dividiram grupos étnicos e sociais que buscavam exercer autonomia política. Dividiram, além dos espaços de negociação, as terras, os bens e as gentes indígenas. Além disso, os esforços e os legados das iniciativas nativas na época das revoluções deixaram marcas profundas na repartição dos espaços e na história social da formação daqueles lugares.

À GUIA DE CONCLUSÃO

A atuação política e militar de destaque de André gerou registros preciosos sobre a importância das alianças com os indígenas para a formação social e a consolidação de fronteiras entre os Estados argentino, brasileiro e uruguaio. Uma das últimas notícias sobre a vida deste importante personagem na história brasileira e da região platina é que ele provavelmente faleceu em 1821, em algum lugar do Rio de Janeiro, quando, após ser preso por autoridades portuguesas, foi levado à capital

do vice-reino do Brasil. Quando foi solto, André tentou retornar à sua terra natal, “para junto dos seus”, após ter experimentado tantas vitórias e “padecimentos tão desumanos” durante a era das revoluções na região platina, como o próprio indígena escreveu. Numa solicitação encaminhada ao rei de Portugal, ele pediu auxílio para voltar para casa. Era preciso, concluiu o indígena, voltar “ao meu país natal, e recolher-me ao abrigo dos meus, [...] cobrir minha nudez, e empreender a dita viagem” (MACHÓN; CANTERO, 2006, p. 182-183). A identidade que o vinculava aos seus e ao território indígena em seu “país natal” recupera laços inextirpáveis trazidos através da atuação e da trajetória de André e de inúmeros guaranis e missionários, pois entrelaça importantes mudanças políticas em curso naquele contexto com as ações de coletividades étnicas.

André é um personagem marcante no contexto de formação dos Estados argentino, brasileiro e uruguaio. Para além disso, os entendimentos sobre os significados de suas ações estão presentes nas mais diversas concepções sobre elementos formadores da identidade da região platina, da província de Misiones, e da identidade nacional argentina. A cidade de Posadas, capital da Província argentina de Misiones, teve as feições de sua paisagem urbanística modificada com a instalação de um monumento em aço inoxidável de quase 20 metros de altura, à beira do rio Paraná. Trata-se de uma homenagem feita ao passado missionário através da figura de André Guacurary y Artigas, no contexto das celebrações pelo bicentenário da independência, cujo marco temporal remete a maio de 1810.

O monumento parece materializar algo que tem se perpetuado ao longo do tempo: por um lado, o vínculo indelével entre o espaço fronteiriço e a atuação dos indígenas, por outro, a persistência de certos (des)entendimentos sobre os significados desta atuação em contextos temporais e espaciais específicos. Em virtude da lei VI – Nº 155 de 2012, a Província de Misiones também designou André prócere missionário em razão de seus “valores patrióticos em defesa da causa popular e federal missionária e sua ativa participação na Revolução de Mayo de 1810” (CAMOGLI, P., 2015, p. 18). Em abril de 2014, a então presidenta da Argentina, Cristina Fernández de Kirchner, concedeu a André o posto póstumo de general do Exército argentino. Em novembro do mesmo ano, a Câmara dos Deputados declarou-o Herói Nacional da Nação Argentina.

É preciso refazer e repensar os caminhos trilhados pelos indígenas ao longo de suas histórias para entender os significados dos deslocamentos espaciais e sociais vividos por eles, bem como seus esforços constantes para reaver territórios e direitos e lograr participação política. As histórias sobre as terras que dividiram e interligaram os espaços disputados estão profundamente conectadas às experiências indígenas.

fontes iconográficas

CORRALES, Eliseo. Óleo sobre tela, 1905, 100 x 100 cm. Museu Pablo Argilaga, Santo Tomé, Argentina.

RODRIGUÉZ, Gerónimo. Monumento gigante de acero noble a Andresito, Costanera de Posadas.

RUBEN, Peter Paul. Miracle of St. Ignatius (1617-1618). Óleo sobre tela, 535 x 395 cm. Kunsthistorisches Musuem, Viena. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/Peter_Paul_Rubens/Saints. Acesso em 07/03/2017. Fontes impressas

MANTILLA, Diego. Memorias Fermín Félix Pampin. Corrientes: Moglia, 2004.

POSTLETHWAITE citado em ROBERTSON, J. P. e G. P. Cartas de Sud-América. Vol. III. Buenos Aires: Emecé Editores, 1950.

LOYOLA, Inacio de. Autobiografia de Santo Inácio de Loyola. Trad. Antonio José Coelho. Braga: Editorial A.O., 2005.

LOYOLA, Inacio de. Exercícios Espirituais. 3. ed. F. de Sales Baptista (org.). Trad. Vital Cordeiro Dias Pereira. Braga: Livraria A.I., 1999.

referências bibliográficas

CABRAL, S. Andresito Artigas en la emancipación americana. Buenos Aires: Corregidor, 2012.

CAMOGLI, Pablo. Andresito: historia de un Pueblo em armas. Buenos Aires: Aguilar, 2015.

FERNANDES, J. A. Selvagens bebedeiras: Álcool, Embriaguez e Contatos Culturais no Brasil Colonial (séculos XVI-XVII). São Paulo: Alameda, 2011.

GINZBURG, C. Indagações sobre Piero: o Batismo, o Ciclo de Arezzo, a Flagelação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

LEVI, G. A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LURIE, N. O. The World's Oldest On-Going Protest Demonstration: North American Indian Drinking Patterns. Pacific Historical Review, University of Carolina Press, v. 40, n. 3, p. 311-332, Aug. 1971.

MACHÓN, J. F.; CANTERO, O. D. Andrés Guacurary y Artigas. 1. ed. Misiones: editado pelo autor, 2006.

MELO, Karina Moreira Ribeiro da Silva e. Histórias indígenas em contextos de formação dos Estados argentino, brasileiro e uruguaio: charruas, guaranis e minuanos em fronteiras platinas (1801-1818). Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/330876>. Acesso em 02/09/2018.

WILDE, Guillermo. Religión y poder en las misiones de guaraníes. Buenos Aires: SB, 2009.